

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

UM DIÁRIO PARA DIVULGAR A CRISE CLIMÁTICA E DESPERTAR O INVISÍVEL

Jayne Mayrink

O desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado em Divulgação Científica e Cultural (LABJOR/UNICAMP) tem se dado sob uma prática experimental de escrita autoral na qual venho desenvolvendo o que chamo de Diário de Janela. Esta é uma escrita que busca divulgar o contexto atual de emergência climática a fim de pensar o acesso e a aproximação da população com os conhecimentos científicos (Gois, 2019). A finalidade é evidenciar que esses conhecimentos estão cotidianamente bem debaixo do nosso nariz, mas para desvendar o que a ciência diz e comprova sobre o que nossos sentidos alcançam, é preciso criar um interesse investigativo.

Dados da pesquisa sobre percepção pública de C&T no Brasil (CGEE, 2019) informam que o consumo de ciência em meios de comunicação como redes sociais, *sites*, livros ou jornais caiu consideravelmente. Diante dos resultados, notamos uma fraca autonomia e hábitos da população na busca pelo conhecimento científico. Essa situação

contribui para que, por exemplo, 90% não saibam nem mesmo o nome de um cientista brasileiro (CGEE, 2019).

Com isso, a prática metodológica do Diário de Janela propõe orientar um esforço para além da escrita, assim, indo ao acesso das fontes de comunicação que podem comprovar aquilo que foi registrado. Uma dessas fontes é o campo do jornalismo científico, este é um dos principais meios de divulgação científica que tem como uma das preocupações a educação científica – que, entre outras coisas, inclui falar das instituições, dos pesquisadores e suas descobertas.

O Diário de Janela pode ser entendido como uma escrita cartográfica que focaliza as transformações geográficas e socioeconômicas afetadas pelas mudanças climáticas, pois seu desenvolvimento está atrelado ao cotidiano urbano. A partir da compreensão da ciência e das manifestações culturais inscritas na espacialidade, a população tem a oportunidade de reeducar seus sentidos, frequentemente não deixando de observar e, mais importante, indagar os eventos que contribuem e que traduzem as gravidades da intervenção antrópica sobre a biodiversidade.

Abaixo, trago um trecho do Diário de Janela para, em seguida, articulá-lo com informações e dados científicos que dialogam com esse material de escrita cartográfica. Com isso, pretendo deixar mais compreensível o processo metodológico.

“Diário de Janela,

19 de abril de 2024.

É fim de tarde. A frente fria de ventos outonais sopra a cortina da minha janela. Começo uma leitura e logo escuto alguém chamar pelas grades baixas do portão. Olho para o lado e vejo uma senhora negra que diz “estou vendendo banana ouro, 8 é uma sacola, 2 é 10, quer comprar?”. Penso por alguns segundos e digo que vou atendê-la. Lembro que fui mais cedo ao supermercado e vi o valor da banana ser muito mais caro que essa promoção feita pela senhora. Enquanto faço

a compra, aproveito para perguntá-la se ela mora ali perto. Seu nome é Maria, e ela diz que sim, numa rua logo acima. Ela diz que tem um quintal, planta banana-prata e ouro. Quando tem muita banana, ela aproveita para vendê-las, como acabou de fazer. Esse é seu meio de subsistência. Sei que sua banana realmente vale ouro por estar longe dos agrotóxicos presentes na grande maioria das nossas frutas. Vejo também que Maria faz parte de uma enorme quantidade de trabalhadores que compõem o comércio informal urbano. A maioria dessas pessoas ou apenas vive disso, ou usam esse trabalho para complementar suas rendas e assim conseguir sobreviver minimamente. Para pensar sobre toda essa situação, eu não preciso ir ao centro da cidade, nas margens de uma rodoviária preenchida por camelôs e ambulantes. Basta eu olhar para fora da minha quadrada janela em meu confortável bairro.”

O World Banana Forum (WBF) é um órgão vinculado à ONU/FAO que se preocupa em pensar a produção e distribuição de bananas ao redor do mundo de forma sustentável. Segundo o WBF, o aumento da temperatura tem causado desequilíbrios climáticos, contribuindo para diversos desafios no cultivo de bananas.

Alguns desses desafios estão relacionados às inundações, ao aumento da frequência e intensidade de furacões; e na proliferação do fungo *Fusarium Tropical Race 4* (TR4) – principal doença fúngica que tem atacado as plantações de bananas em várias partes do mundo.

Naturalmente, o clima tropical dos países do sul global é propício para o cultivo de várias espécies de banana – segundo o WBF, mais de mil espécies. No entanto, com a maior frequência e intensidade de eventos climáticos extremos nessas localidades, muitas plantações correm o risco de diminuir significativamente sua produção até 2050 (Varma; Bebbber, 2019).

Também como resultado desse cenário, as importações de bananas caem em todo o mundo – principalmente nos países dos EUA, UE, China e Rússia, que representam a maior parcela do mercado importador – fazendo com que o valor da banana se torne mais caro no mer-

cado, afetando a base nutricional de grande parte da população, visto que a produção anual de bananas chega a 20 milhões de toneladas, tamanho seu consumo.

Nos países do sul, a situação fica ainda mais grave. É na América Latina, América Central e na Ásia que estão os maiores produtores de banana e, a grande maioria, são pequenos agricultores familiares. Para esse grupo, o impacto seria diretamente na sua base econômica de subsistência. No Brasil, os produtores de banana do Vale do Ribeira, no interior de São Paulo, representam os maiores produtores do estado e a economia regional é bastante influenciada pelo cultivo e venda de banana para o comércio nacional (Belchior, 2019).

Com isso, o que tento mostrar aqui é uma atividade básica, como escrever um diário. No entanto, com o objetivo de articular e investigar o que a ciência tem de dados e informações sobre os acontecimentos observados – muitas das vezes primeiramente encontrado em fontes de jornais científicos. Essa é uma metodologia que tenho desenvolvido a partir de minha própria experiência, mas que pretende ser uma prática para todo e qualquer sujeito e coletivos.

Assim, defendo que as pessoas, com ênfase nas que são socioeconomicamente e ambientalmente mais vulneráveis, precisam de práticas acessíveis que as aproximem das fontes de divulgação de ciência e cultura, principalmente as que expõem as denúncias da crise climática, a fim de levá-las a compreender a dimensão desse fenômeno; a forma em que isso afeta e está presente em seus cotidianos; exigir mudanças e criações de políticas públicas; evitar negacionismo climático (Gamba; Righetti, 2024); e serem sujeitos transformadores de seu próprio meio, algo que só é possível adquirindo consciência e conhecimentos pautados no contato com a verdade dos fatos.

REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Daniele Franciny da Silva. **A cultura da banana no Vale do Ribeira: do plantio à comercialização**. 2019. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/75359>. Acesso em: 20 out. 2024.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Percepção da sociedade sobre ciência e tecnologia no Brasil**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/web/percepcao>. Acesso em: 19 out. 2024.

GAMBA, Estêvão; RIGHETTI, Sabine. **MyNews explica negacionismo científico e suas consequências**. São Paulo: Edições 70, 2024.

GOIS, Antônio. Os jovens e a ciência no Brasil. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 jun. 2019. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/antonio-gois/post/os-jovens-e-ciencia-no-brasil.html>. Acesso em: 19 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO). **Bananas**. Disponível em: <https://www.fao.org/markets-and-trade/commodities/bananas/en/>. Acesso em: 19 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO). **World Banana Forum**. Disponível em: <https://www.fao.org/world-banana-forum/en/>. Acesso em: 19 out. 2024.

VARMA, Varun; BEBBER, Daniel P. Climate change impacts on banana yields around the world. **Nat. Clim. Chang.** 9, p. 752-757, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41558-019-0559-9>. Acesso em: 15 out. 2024.

